

rior dessas sombras, existe uma excitação, um *frisson*, uma grande energia: é um momento de encontro com amigos, de diversão, de expressão de algo que envolveu intensidade e criação cultural" (p. 118). Assim como entre os *punks*, em torno das bandas, se constituiu uma zona de solidariedade e de produção de "estilos singulares". A banda é *atuação*, é *atitude*, driblando a monotonia e a falta de perspectivas que pontuam o cotidiano dos jovens.

O niilismo da sociedade moderna, que Helena Abramo assinala como *distopia* (o lugar ruim), recorta o imaginário dos jovens que se movimentam no cenário urbano de São Paulo. "Eles se preocupam muito em não se deixar enganar por ilusões fáceis (...) é como se, em vez de *assalto aos céus* da geração anterior, que Ihes parece agora impossível e falacioso, eles sentissem necessidade de descer aos infernos... (p. 154). É esse percurso que o livro de Helena nos proporciona. Ele é movimento, é música, é espetáculo. Ele nos centra no burburinho do mundo modemo, imersos em signos e imagens do campo da produção juvenil. Embora descendo nos subterrâneos das experiências de *punks* e *darks*, a leitura de Helena, como um boto, proporciona a visão de um mergulho, do *céu ao inferno*.

## Negros da terra

ISABELLE BRAZ PEIXOTO DA SILVA

Doutoranda em Ciências Sociais na Unicamp, Professora do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (UFC)

Este é um livro que diminui a nossa dívida para com a História do Brasil e o conhecimento acerca da participação indígena nesta história, mais particularmente.

O primeiro impacto que ele nos provoca vem através da imagem: sobre a litografia A dança dos índios puris, in Viagem pelo Brasil, 1817-1820 de Spix e Martius, um título forte, denso, carregado de sentido, que imediatamente nos remete para o mundo sombrio da escravidão.

Apoiado em vasta pesquisa documental, como atestam suas referências bibliográficas – fontes manuscritas, relatos coloniais e documentos impressos, livros, artigos e teses – o livro nos transporta para o planalto paulista seiscentista e através dele nos faz rever considerações consagradas acerca do Brasil colonial.

O autor parte de rara perspectiva no âmbito da historiografia e, assumindo uma visão mais ampla do desenvolvimento da economia regional, conjuga elementos da dinâmica interna da sociedade local e elementos mais gerais da economia internacional.

Assim é que ele nos mostra como a economia paulista se insere no circuito comercial da Colônia, produzindo e transportando produtos locais para o mercado do litoral, basicamente o trigo. Tese pouco convencional, apresenta o panorama de uma economia subsidiária, que tem na mão-de-obra indígena um dos seus sustentáculos.

É na descrição e análise da submissão dessa mão-de-obra que está grande parte da riqueza desta obra. Tomamos contato com uma complexa rede de relações entre conquistadores e nativos, que longe de situar os índios como meros objetos, passivos da manipulação dos colonizadores, revela sua capacidade de atuar politicamente, considerando táticas e estratégias.

Mais do que isto, nos dá uma demonstração de como, ainda que severamente marcada pela dominação e pela violência, a história da conquista é também uma questão de "aculturação às avessas", por mais que isto soe irônico, paradoxal ou absurdo. Afinal de contas, desde os termos estabelecidos nas primeiras trocas, passando pela dinâmica tradicional de alianças e intrigas, até a organização do tra-

rior dessas sombras, existe uma excitação, um *frisson*, uma grande energia: é um momento de encontro com amigos, de diversão, de expressão de algo que envolveu intensidade e criação cultural" (p. 118). Assim como entre os *punks*, em torno das bandas, se constituiu uma zona de solidariedade e de produção de "estilos singulares". A banda é *atuação*, é *atitude*, driblando a monotonia e a falta de perspectivas que pontuam o cotidiano dos jovens.

O niilismo da sociedade moderna, que Helena Abramo assinala como *distopia* (o lugar ruim), recorta o imaginário dos jovens que se movimentam no cenário urbano de São Paulo. "Eles se preocupam muito em não se deixar enganar por ilusões fáceis (...) é como se, em vez de *assalto aos céus* da geração anterior, que Ihes parece agora impossível e falacioso, eles sentissem necessidade de descer aos infernos... (p. 154). É esse percurso que o livro de Helena nos proporciona. Ele é movimento, é música, é espetáculo. Ele nos centra no burburinho do mundo modemo, imersos em signos e imagens do campo da produção juvenil. Embora descendo nos subterrâneos das experiências de *punks* e *darks*, a leitura de Helena, como um boto, proporciona a visão de um mergulho, do *céu ao inferno*.

## Negros da terra

ISABELLE BRAZ PEIXOTO DA SILVA

Doutoranda em Ciências Sociais na Unicamp, Professora do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (UFC)

Este é um livro que diminui a nossa dívida para com a História do Brasil e o conhecimento acerca da participação indígena nesta história, mais particularmente.

O primeiro impacto que ele nos provoca vem através da imagem: sobre a litografia A dança dos índios puris, in Viagem pelo Brasil, 1817-1820 de Spix e Martius, um título forte, denso, carregado de sentido, que imediatamente nos remete para o mundo sombrio da escravidão.

Apoiado em vasta pesquisa documental, como atestam suas referências bibliográficas – fontes manuscritas, relatos coloniais e documentos impressos, livros, artigos e teses – o livro nos transporta para o planalto paulista seiscentista e através dele nos faz rever considerações consagradas acerca do Brasil colonial.

O autor parte de rara perspectiva no âmbito da historiografia e, assumindo uma visão mais ampla do desenvolvimento da economia regional, conjuga elementos da dinâmica interna da sociedade local e elementos mais gerais da economia internacional.

Assim é que ele nos mostra como a economia paulista se insere no circuito comercial da Colônia, produzindo e transportando produtos locais para o mercado do litoral, basicamente o trigo. Tese pouco convencional, apresenta o panorama de uma economia subsidiária, que tem na mão-de-obra indígena um dos seus sustentáculos.

É na descrição e análise da submissão dessa mão-de-obra que está grande parte da riqueza desta obra. Tomamos contato com uma complexa rede de relações entre conquistadores e nativos, que longe de situar os índios como meros objetos, passivos da manipulação dos colonizadores, revela sua capacidade de atuar politicamente, considerando táticas e estratégias.

Mais do que isto, nos dá uma demonstração de como, ainda que severamente marcada pela dominação e pela violência, a história da conquista é também uma questão de "aculturação às avessas", por mais que isto soe irônico, paradoxal ou absurdo. Afinal de contas, desde os termos estabelecidos nas primeiras trocas, passando pela dinâmica tradicional de alianças e intrigas, até a organização do tra-

balho, vemos como os portugueses tiveram que interagir com um mundo que já tinha categorias operativas antes de sua chegada. Não fora isto, não teria existido uma sociedade escravocrata paulista.

Bastante provocativa é a abordagem do autor, ao situar o lugar social dos bandeirantes e o sentido das fugas dos indígenas. Ao tocar nestes dois temas, Monteiro abala mitos que estão arraigados na nossa construção de identidade nacional. Os bandeirantes não foram heróis civilizadores, intermediários na venda de escravos para o litoral açucareiro. Eles tinham origem agrária e sua atividade era voltada basicamente para o desenvolvimento da economia do planalto.

A fuga dos nativos não representou a volta ao mundo tribal. Levados pelo anseio de liberdade e pelo sentimento de se reunirem aos parentes, os indígenas empreendiam suas fugas principalmente como ações individuais e tinham como destino outras fazendas. A fuga representava, contraditoriamente, a sua integração ao mundo colonial, possibilidade que lhes restou após a destruição do seu mundo originário.

A análise das relações entre a Coroa, os colonos e os jesuítas, fornece elementos para aprofundar a reflexão sobre o tema clássico, "Estado e sociedade no Brasil". As flagrantes cisões no bloco dirigente – autoridades civis, colonos e missionários – afirmam a heterogeneidade estrutural da classe dominante. Por outro lado, as ações vigorosas implementadas pelos colonos na busca de garantir seus interesses questionam a tese da criação da sociedade civil pelo Estado.

Outro aspecto que vale a pena ressaltar é a importância das instituições coloniais, particularmente a proeminência das Câmaras Municipais e a recorrência à justiça, não só por parte dos colonos como também dos nativos.

A par de tudo isso, o autor se reporta às origens da pobreza rural na sociedade paulista, confirmando a antiguidade da distribuição desigual da riqueza, vinculada ao acesso desigual às forças de produção, principalmente o trabalho indígena.

Definitivamente, *Negros da Terra* é um livro audacioso, mas extremamente criterioso. Ao reunir estas duas qualidades, é um daqueles livros que nos deixa com a certeza de que uma outra história do Brasil começa a ser contada.

## Cantores do Rádio – a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico do seu tempo

MARIA SULAMITA DE ALMEIDA VIEIRA

(Professora da UFC e aluna do Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na mesma universidade).

O autor nos conduz a um riquíssimo passeio, que tem início ainda na década de 40, pelo "mundo da malandragem" e vai até o final dos anos 50, recuperando a memória histórica do admirável trajeto dos cantores do rádio, mostrando as barreiras que se interpunham na vida do malandro, apontando também dificuldades enfrentadas pelo malandro pobre e preto, traçando perfis de valiosos artistas que se projetaram através do rádio, num processo de interação intensa com a sociedade, através dos seus milhões de fãs.

Lenharo concebe a malandragem como "espaço de luta, pela vida, pela cor, pela identidade cultural do malandro. A malandragem é a sua sobrevivência" (p. 33).

Pelo caminho, nos mostra também o circo, espaço graças ao qual muitos artistas superavam a inibição e, principalmente, se tornavam conhecidos no meio popular. Depois, aponta para velhos cassinos, fechados a partir de 1946, por ordem do então Presidente Dutra, em consequência do que aconteceram grandes mudanças no meio artístico carioca. Assim, bailarinos e bailarinas, orquestras e cenários foram levados do cassino da Urca para a Praça Tiradentes, ocasião em que surgiu o teatro de revista.

No percurso, o autor vai nos falando também de razões que contribuíram para o sucesso de cantores; relembra músicas carnavalescas dos anos 50, destacando a beleza de suas letras e a facilidade de que o povo tinha de apreendê-las (p. 67).

Fala de como a revista, a chanchada, o circo e o rádio traziam o cotidiano do homem comum para o palco. Refere-se às precárias condições em que o cinema era produzido, via Atlântida, enfatizando, ao mesmo tempo, o papel desse espaço na vida profissional de cada um dos artistas. Chama a atenção para o cinema como possibilidade de "reatualização de experiências de camadas inteiras da população", citando, a propósito, Grande Otelo, Oscarito e Zé Trindade (p. 118).

Diante da Rádio Nacional, Lenharo nos remete à importância desta para a carreira dos artistas no início dos anos 50, quando era